



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Scachetti, Rodolfo Eduardo
Mente e cérebro, ciências cognitivas e ciências sociais
Ciências Sociais Unisinos, vol. 46, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 271-276
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93820650007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Mente e cérebro, ciências cognitivas e ciências sociais

Mind and brain, cognitive sciences and social sciences

Rodolfo Eduardo Scachetti¹
srodolfo@uol.com.br

Resumo

Neste artigo, menciona-se o tradicional debate filosófico envolvendo corpo e espírito que, ao longo do século XX, desembocou num campo interdisciplinar de pesquisas sobre o cérebro e a mente, as chamadas ciências cognitivas. Dentre as várias posições em disputa nesse terreno, três delas têm suas matizes acerca do futuro desse empreendimento, além de suas relações com as ciências sociais, que bifurcam, basicamente, nessas direções: a da defesa da singularidade do objeto das ciências humanas entendido como intencionalidade dentro de um modelo de filosofia da consciência; a da tentativa de compreensão biológica da mente, também vista como intencionalidade e consciência, e, por fim, a do questionamento das noções de intencionalidade e consciência, a partir das realizações da cibernética e das próprias ciências cognitivas, que podem alimentar uma nova relação entre humanos e máquinas.

Palavras-chave: mente e cérebro, intencionalidade e computadores, ciências sociais e ciências cognitivas.

Abstract

This paper discusses the traditional philosophical debate concerning body and spirit that has formed a multidisciplinary field of researches about brain and mind in the twentieth century, called cognitive sciences. Among the various divergent positions in this area, three of them had their nuances about the future of this exploited enterprise, and also their relations with the social sciences that basically move in these directions: (i) the defence of the singularity of human sciences' object considered in the philosophical consciousness model as intentionality; (ii) the searching of a biological understanding of the mind, also viewed in this case as intentionality and consciousness, and finally; (iii) the critic of the notions of intentionality and consciousness through the cybernetic and also the cognitive sciences achievements, that can feed a new relation between humans and machines.

Key words: mind and brain, intentionality and computers, social sciences and cognitive sciences.

¹ Doutorando em Sociologia pelo IFCH - Unicamp. Integrante do grupo de pesquisa CTeMe - Conhecimento, Tecnologia e Mercado. Rua Cora Coralina, s/n, Caixa Postal 6110, 13081-970, Campinas, SP, Brasil.

Introdução

A busca das ciências cognitivas por uma teoria geral da mente não pode ser considerada totalmente nova. Obras como as de René Descartes (2004) e as do médico Julien Offray de La Mettrie (1982), por exemplo, reservaram, nos séculos XVII e XVIII, destaque a expressões como "alma" e "espírito" em detrimento de "mente", traço ainda observável em trabalhos bem mais recentes como os do filósofo Henri Bergson (1990). Mas, seguramente, há uma certa unidade de preocupação, apesar dessa flutuação de termos, nessa temática que teria sido colocada em pauta, portanto, a partir do século XVII, chegando, na expressão de John R. Searle, a constituir "alguns dos maiores esforços intelectuais do século XX" (Searle, 1984, p. 25). Postular tal unidade encontra abrigo justamente na identificação do propósito, sempre presente nesses esforços, de pensar a relação entre corpo e alma, ou corpo e espírito, ou ainda, empregando uma forma mais ao sabor das ciências cognitivas e dos tempos de hoje, entre cérebro e mente.

Muitos já se debruçaram sobre as soluções cartesianas ou as bergsonianas para o problema, e outros prosseguem investindo esforços nesses terrenos. Há também aqueles que decidiram recuperar o trabalho de La Mettrie, mobilizando inclusive sua figura para refletir sobre o momento presente. E, naturalmente, há filósofos e outros especialistas que preferem acompanhar a problemática da relação entre cérebro e mente, tal qual vem se desenvolvendo no bojo das chamadas ciências cognitivas. É sobre alguns destes últimos que se pretende tratar aqui, colocando, com maior destaque, três deles em pauta, visando explorar algumas das bases sobre as quais vem se instalando o debate acerca do futuro das ciências cognitivas e de seus possíveis reflexos para as ciências sociais.

Searle, Del Nero e Dupuy: três posições

Na década de 80, Searle escreve *Mente, cérebro e ciência*, no qual combate, com instrumental filosófico, as perspectivas de que as ciências cognitivas, apoiadas no surgimento e desenvolvimento dos computadores, pudessem resolver o "hiato entre o cérebro e a mente" (Searle, 1984, p. 53). Na esteira dessa tarefa, o filósofo extrai as consequências de sua tese central para as ciências sociais. Na década seguinte, Jean-Pierre Dupuy revisa, na obra *Nas origens das ciências cognitivas*, a história do surgimento da cibernética e propôs que ela esteve, com sua "tentativa fisicalista de conquistar as ciências da mente" (Dupuy, 1996, p. 211), na base do surgimento das ciências cognitivas, potencializada, como já havia destacado Searle, pelo avanço dos computadores. Dupuy constrói um livro sobre a história das ideias, como ele próprio defende, e, por essa razão, não tem como preocupação central apresentar um quadro preciso acerca das chances de sucesso do empreendimento das ciências cognitivas, representa-

do pelo desejo de modelização computacional plena da mente. Por isso, pensando a cibernética e as ciências cognitivas como fruto de uma movimentação de ideias nos meios científico-filosóficos por ele inventariados, Dupuy se propõe a investigar as condições de surgimento desse campo interdisciplinar e sua influência, inclusive sobre as ciências sociais e a filosofia (particularmente na França). No final dos anos 90, no contexto brasileiro, o médico psiquiatra e filósofo Henrique S. Del Nero escreve *O sítio da mente*, que considera uma introdução a essa mesma temática da relação entre cérebro e mente. Dentre suas teses principais, Del Nero sugere a existência de uma conexão entre imperativos biológicos e éticos na formação da mente humana, após também investir esforços para apresentar o surgimento e desenvolvimento das ciências cognitivas, sobretudo em oposição a Searle, com a intenção de mostrar suas perspectivas de desenvolvimento. O contato com o trabalho de Del Nero parece ser uma porta de entrada para conhecer uma das formas pelas quais as ciências cognitivas foram recebidas no Brasil.

O primeiro aspecto fundamental das atuais pesquisas sobre a mente, empreendidas pelas ciências cognitivas, é seu caráter interdisciplinar. Del Nero (1997, p. 156) afirma que esse campo envolve a reunião de várias disciplinas e um "forte apelo computacional", fator que o singulariza diante de esforços anteriores. Dentre as disciplinas participantes do projeto de modelar a mente, o pesquisador menciona a neurociência, a psicologia, a linguística, a antropologia, a filosofia e a inteligência artificial. Para os propósitos deste artigo, é o aporte da linguística a esses estudos que merecerá mais destaque inicialmente.

É justamente contra os primeiros movimentos das ciências cognitivas, que datam de meados do século XX, que Searle escreve. O célebre experimento do quarto chinês, recontado *ad nauseam* nos trabalhos sobre a temática, busca demonstrar que há uma diferença essencial entre manipular símbolos e compreendê-los, ou seja, que é perfeitamente possível uma sintaxe sem a presença de uma semântica. Esse argumento é ostensivamente utilizado por Searle para desmontar o projeto inicial das ciências cognitivas de modelizar a mente através dos computadores digitais. Para o filósofo, a base dessas máquinas numéricas (ele trata especificamente da tecnologia digital, ainda que afirme que avanços tecnológicos não constituem um risco para sua argumentação) é a manipulação de símbolos puramente formais, enquanto a mente humana apresenta pensamento acerca de alguma coisa, ou seja, apresenta conteúdos mentais que teriam significado (Searle, 1984, p. 39). Às máquinas, portanto, caberia, no máximo, oferecer metáforas à vida mental, que, de modo algum, poderiam ser literalizadas, como teria feito o cognitivismo, nome dado a essa primeira corrente de pesquisas surgida com as próprias ciências cognitivas. Ainda assim, Searle (1984, p. 55) duvida de que tais metáforas possam ser consideradas superiores às usadas anteriormente ao surgimento dos computadores, em geral de origem mecânica.

Searle investe, portanto, especificamente contra as propostas cognitivistas. Esquecendo-se das particularidades da mente, o filósofo indica que o cognitivismo reduz o pensamento

ao cálculo, utilizando, para tanto, o modelo do linguista Noam Chomsky, que permite a aproximação do comportamento das pessoas ao procedimento que os computadores digitais realizam. Pessoas e computadores, para os cognitivistas, executariam regras formais, dadas, no caso destes, pelo programa (*software*), e, no caso da linguagem humana, por uma gramática universal – espécie de programa instalado na mente. Searle, em oposição a isso, simplesmente não vê em que a analogia poderia ajudar a compreender os processos mentais, dado justamente seu caráter *sui generis*.

Del Nero é leitor de Searle, mas não crê que as questões estejam definitivamente encerradas com tal argumentação, sugerida pelo filósofo estadunidense em *Mente, cérebro e ciência* nos seguintes termos:

Concluindo, pois: em que ponto nos encontramos na nossa apreciação do programa cognitivista de investigação? Bem, certamente não demonstrei que é falso. Pode muito bem vir a revelar-se como verdadeiro. Julgo que as oportunidades de êxito são tão grandes como as oportunidades de êxito do behaviorismo, há cinquenta anos atrás. Ou seja, penso que as suas oportunidades de sucesso são virtualmente nulas (Searle, 1984, p. 68).

Seguramente, a passagem do escrito de Searle mereceria o olhar de um crítico literário. A inicial modéstia aparente na avaliação sobre o alcance de sua crítica e a subsequente falsa pista tratando do behaviorismo afirmativamente são, de súbito, abandonadas: trata-se, na verdade, de uma sentença de morte dirigida ao cognitivismo.

Teria esse campo de pesquisas aceitado a maledicência de Searle? Ao que parece, não. Metamorfoseando-se como um animal em fuga, as ciências cognitivas criaram outras figuras. Conquistaram espaço nas universidades e, em grande medida, tornaram-se um *hit parade* acadêmico. Para onde quer se olhe nos centros de pesquisa da Europa ou dos EUA, há sempre a chance de notar sua presença, às vezes central, nas ementas dos seminários. Del Nero, consciente disso, espera reunir argumentos em favor da expansão desse domínio também em território brasileiro. Vale, a seguir, acompanhar um pouco mais de perto o trajeto de sua argumentação.

A concepção discreto-digital da mente, combatida por Searle, teria passado de fato, de acordo com Del Nero, por uma crise. O psiquiatra mostra a dificuldade do tema, uma vez que nem seu questionamento deve ser visto como absoluto, podendo-se ainda encontrar defensores e aplicações daquele modelo cuja base era a noção de processamento a partir de regras lógicas, válidas simultaneamente para o computador e o cérebro, nem há poucas razões para sua crise. Nos meios não científicos, por exemplo, o digital é agora sinônimo absoluto de um futuro repleto de velozes máquinas inteligentes e elemento de status no universo da comunicação publicitária: televisores, máquinas fotográficas, telefones portáteis e até automóveis que perdem seus mostradores contínuos (e, portanto, analógicos) se vendem com a chancela da tecnologia digital. Mas Del Nero, desconsi-

derando, portanto, essas aplicações mais imediatas dos postulados cognitivistas no universo do consumo de bens e de sua promoção publicitária, concorda, em essência, com Searle sobre os limites filosóficos de um modelo digital da mente, e afirma: "a mente não é apenas pensamento, mas também uma série de outras coisas, como, por exemplo, consciência" (Del Nero, 1997, p. 161-162). Com isso, nessa ausência de intencionalidade e de uma semântica nos computadores digitais, reside um problema do qual é realmente difícil se esquivar. Ainda que o cognitivismo tenha proposto apenas um modelo, ou seja, algo reduzido que pudesse fazer avançar as pesquisas rumo a problemas mais complexos envolvendo a mente e o cérebro, Del Nero não crê que se possa prosseguir supondo uma independência entre ambos. Seria preciso superar definitivamente essa forma duradoura de dualismo entre o corpo e o espírito, concebida anteriormente por Descartes.

Sem proceder como Searle, descrente no alcance da evolução tecnológica nessa área, Del Nero passa, então, a inventariar as formas pelas quais a tecnologia passou a disputar o campo das teorias da mente após o abalo (não abandono, bem entendido) de sua concepção discreto-digital, cuja formulação emblemática residia no "pensar é calcular". A primeira dessas formas foi resultado do avanço técnico das chamadas redes neurais. Afirma Del Nero (1997, p. 167-168) que:

A noção de processamento por rede neural inaugurou um modelo rival para a mente computacional. A suposição anterior de que houvesse um processamento baseado em regras de manipulação de símbolos-representações cedeu lugar a outro conceito: em vez de existirem regras de inspiração lógica a sustentar as operações mentais, há padrões e regularidades, dinâmica e estatisticamente treináveis.

Esse modelo rival diante do cognitivismo ganhou o nome de conexionismo. Del Nero mostra que etapas do processamento envolvendo operações digitais não foram necessariamente excluídas das redes neurais. O que houve de novo foi, entre outras coisas, o acréscimo de operações de tipo analógico. A tentativa de reproduzir o modo como os neurônios manipulariam informações levou ao desenvolvimento desse modelo, e os especialistas costumam afirmar que essa rede é capaz de aprender por intermédio de exemplos, de reconhecer padrões e de promover generalizações (Del Nero, 1997, p. 171). Tudo isso com base numa arquitetura que prescinde daquele formato discreto-digital que distinguia processador e memórias fixas e se afastava, dessa forma, da estrutura de um cérebro humano. No caso das redes neurais, arquitetura de conexões, ocorre, do ponto de vista técnico, que ela:

[...] vai aos poucos analisando o sinal de entrada e encontrando nele um padrão. A partir do momento em que o encontra, é capaz de classificar tanto a situação protótipo como todas as outras. [...] Tudo isso graças ao ajuste de pesos e à conectividade, capazes de, pelas sucessivas interações e correções, aproximar-se da solução para o problema, normalmente descritível através de funções compostas (Del Nero, 1997, p. 171).

Se uma rede neural é, então, capaz de aprender, de modo muito semelhante ao que fazem os homens quando reconhecem padrões, teria ela definitivamente atingido o estágio ideal de modelização da mente fora do organismo fisiológico? A resposta que dá Del Nero não é exatamente afirmativa. Ainda que as redes neurais tenham se esquivado das regras de manipulação de símbolos baseadas na lógica formal, modelo, como visto, que não dá conta plenamente do funcionamento da mente – uma vez que pretende uma redução desta ao pensamento –, nada garante, na visão do psiquiatra, que essas redes tenham finalmente encontrado um ponto de contato com o estilo de processamento do cérebro humano, cuja melhor decifração se busca. Dupuy conta como esse problema já tinha sido sublinhado pelo pesquisador Daniel Andler como objeção à pesquisa baseada nos neurônios artificiais, levada a cabo pelo “cibernético pioneiro” Warren McCulloch:

O que falta, filosoficamente, ao argumento de McCulloch, é mostrar como o sinal enviado por tal neurônio pode representar uma proposição sobre o mundo; como a codificação que permite estabelecer a equivalência entre um conteúdo de pensamento e um cálculo operado pela rede, como essa codificação, pois, pode receber uma significação em termos de representação (Dupuy, 1996, p. 120).

Nota-se como a posição de Andler, reportada por Dupuy, lembra aquelas objeções de Searle, o que se reflete no uso das expressões “conteúdo de pensamento” e “significação”. Isso parece indicar certa recorrência de algumas questões dirigidas como desafio à cibernética e às ciências cognitivas, sendo estas displicentes herdeiras daquela na visão de Dupuy.

Embora Del Nero reconheça que Searle esteja certo na colocação do problema (Dupuy tem objeções de base ao pensamento de Searle² que atingem, por tabela, a posição do próprio Del Nero), o que diferencia as argumentações de ambos é que, enquanto o inglês é categórico quanto ao futuro infértil das ciências cognitivas na modelização total da mente, o brasileiro é atento às mudanças de tecnologia envolvidas nessa busca. Tais fatos lhe permitem apontar para (i) aquilo que as novas tecnologias propõem como avanço diante das anteriores, (ii) as dificuldades que não são superadas pelos novos modelos e (iii) o caminho mais promissor para o futuro das pesquisas em ciências cognitivas (puras, seria possível acrescentar).

A descrição de Del Nero da passagem da concepção discreto-digital da mente ao modelo das redes neurais expressa os itens (i) e (ii) acima apresentados. Para introduzir o item (iii) em sua argumentação, o pesquisador reforça que nem o cognitivismo nem o connexionismo atingiram um nível tão sofisticado na modelização da mente, uma vez que nenhum dos dois

pôde escapar da noção de símbolo e, num segundo momento, mostraram-se incapazes de oferecer uma adequada tradução desse conceito no plano do funcionamento cerebral. Os símbolos, manipulados por aquelas regras do pensamento utilizadas como modelo no cognitivismo, também seriam inevitavelmente os elementos de base no connexionismo, sobre os quais estariam debruçadas aquelas regularidades de um cérebro construído como modelo artificial do natural, cuja proposta, inclusive, não omitia a intenção de expressar grande isomorfia entre ambos – denunciada no uso de termos como “neurônios artificiais”. Del Nero não crê que esses modelos devam ser abandonados e trata da associação de propostas. Mas, como já deixa imaginar a direção de sua crítica, espera defender uma teoria da mente que se baseie na investigação direta do cérebro e responda a uma difícil e recorrente questão, que parece frear todo o desenvolvimento das ciências cognitivas não aplicadas: “qual a relação entre símbolos mentais e sinais cerebrais?” (Del Nero, 1997, p. 173).

No fundo, a resposta que Del Nero busca é a solução para a pergunta que Searle diz nem sequer proceder. O filósofo inglês simplesmente afirma que os “estados mentais são fenômenos biológicos” (Searle, 1984, p. 51) e, acrescenta, mais adiante, que os esforços de tentar resolver o hiato entre cérebro e mente “falham porque não existe nenhuma lacuna para colmatar” (Searle, 1984, p. 54). Porém, a mesma objeção que Dupuy lança, desta vez, aos pressupostos da posição de Andler sobre a noção de “estado mental” pode ser endereçada a Searle:

Deve-se notar, porém, que ela [argumentação de Andler contra McCulloch] considera certo o próprio fato de que os sujeitos cognoscentes têm representações; e que o modo de ser da representação corresponde à ideia de que dela tem a filosofia cognitiva. Para esta última, um “estado mental” representa algo na medida em que tem um conteúdo, e esse conteúdo incide sobre o mundo (Dupuy, 1996, p. 120-121).

Fica evidente que um dos caminhos para combater a sentença de morte de Searle às ciências cognitivas poderia ser buscado no próprio plano filosófico. O filósofo, como Andler, parte de uma premissa que tem por base uma filosofia da consciência, mas esta teria sofrido abalos, *leitmotiv* de Dupuy, sobretudo em função do avanço no estudo dos mecanismos (os controles nos organismos, os sistemas auto-organizados etc.) sobre os quais se debruçaram a própria cibernética e as ciências cognitivas. Del Nero, a seu turno, mantém a noção de consciência em sua argumentação e opta por um outro caminho para empreender sua crítica a Searle: dizer que os estados mentais são fenômenos biológicos pode ser adequado, mas não é suficiente; isso não os explica, e, tampouco, garante que sejam irreplicáveis fora dos organismos fisiológicos. O psiquiatra defende

² Dupuy afirma, munido da ampla crítica por ele investigada contra as filosofias da consciência, sobre a posição de Searle: “John Searle não vê, ou se recusa a ver, aquilo sobre que insistiremos neste livro. A revolução copernicana introduzida pela ‘ciência da mente’ [o filósofo se refere à cibernética em geral e às ciências cognitivas em particular] terá realizado uma *desconstrução* da metafísica da subjetividade que vai muito mais longe do que o processo filosófico que adotou esse nome” (Dupuy, 1996, p. 41).

um modelo científico (que não prescinde dos estados mentais como axioma) para tentar solucionar o hiato que lhe parece constituir uma pergunta absolutamente fundada, envolvendo, ironicamente, "mente, cérebro e ciência". Nesse modelo, chamado genericamente de cerebralista e especificamente de dinâmica cerebral clássica:

[...] os símbolos são oscilações e as relações entre eles, sincronizações. Tanto o objeto quanto a relação estão definidos numa linguagem cerebral. [...] o objeto é cerebral, no sentido de frequências de disparo neuronal (padrões coletivos), e a relação, neural por sincronização (regularidades/padrões) (Del Nero, 1997, p. 181).

Não é difícil, diante do quadro traçado por Del Nero, supor quais podem ser algumas das consequências da aceitação de um modelo como esse. O próprio psiquiatra trata de fazer isso parcialmente. Para ele, se a importância da linguística não era pequena na origem das ciências cognitivas, já que se imaginava que a lógica formal poderia oferecer instrumentos adequados na modelização da mente, com as crises das sucessivas tentativas e a atenção voltada, com as novas técnicas de geração de imagens médicas e captação de atividade elétrica do cérebro, para a "própria" dinâmica cerebral, outras disciplinas poderão ser recrutadas para atuar no terreno das ciências cognitivas. Del Nero cita algumas dessas técnicas que podem auxiliar na pesquisa dos fenômenos cerebrais, a saber: eletroencefalogramas, magnetoencefalogramas, ressonâncias nucleares magnéticas funcionais e tomografias por emissão de pósitron.

É como se esse novo modelo, no qual os símbolos são transformados em oscilações, e as suas relações, em sincronizações, reiterasse a existência de uma ordem fenomênica cujo sítio seria o cérebro. Quando se inaugura a pesquisa num novo domínio, tornado campo científico, é comum que se ajustem os meios mais adequados para realizá-la. E, se o símbolo formal poderá, assumindo esse modelo, dar mais espaço à imagem e a outros sinais, não surpreenderá, extrapolando agora o quadro traçado por Del Nero, se a linguística vier, em breve, a ceder campo a uma semiótica particular aliada à física e à matemática³. É verdade que não se poderá facilmente prescindir dos símbolos. Entretanto, estará lançado o desafio de relacioná-los a imagens cerebrais, "universos semióticos" pouco conhecidos até o momento e que exigirão o desenvolvimento de técnicas cada vez mais finas de leitura de imagens cerebrais.

Se essa tendência de pesquisa baseada em imagens ganhar mesmo corpo nas ciências cognitivas como uma vertente central de investigação, devem-se esperar transformações epistemológicas, mudanças no modo de olhar para o cérebro. Até

aqui, como mostra Del Nero, recorre-se muito a medições baseadas na própria linguagem natural para tentar acessar a "realidade cerebral". Por essa razão, não é à toa que se inaugure, desde os trabalhos de Freud, um conjunto de metáforas a cada nova investida rumo ao conhecimento cerebral. Em geral, tais metáforas encontram fundamento nas tecnologias mais avançadas ou vistas como promissoras no período. Na década de 40, por exemplo, Jean Epstein escrevia sobre a alma e não podia escapar às metáforas mecânicas que o cinema oferecia. O próprio aparato era tomado como portador de propriedades primitivas da alma humana, algo que, de certo modo, esteve presente também em alguns dos primeiros modelos cibernéticos desse mesmo período e que alimentou uma oposição em torno do metafórico e do literal nessas pesquisas⁴. O texto de Epstein (1946, p. 115-116) é bastante representativo desse movimento:

É que a complexidade da estrutura e das interações internas de um organismo mecânico leva à individualização da máquina e dá, ao resultado do funcionamento do conjunto, uma nuance de imprevisibilidade, que significa o extremo início daquilo que se chama, em outros níveis de desenvolvimento, vontade, liberdade, alma.

O que se ensaia com o modelo que Del Nero apresenta é uma mudança substantiva. Se esses caminhos se mostrarem tecnicamente promissores, a metáfora do aparato mecânico cinematográfico como mente embrionária será objeto para os historiadores, bem como a metáfora oferecida pelos computadores digitais, e talvez até mesmo aquela empreitada em busca do isomorfismo realizada pelas redes neurais. Se houver espaço para o cinema nesses novos tempos, deverá ser na forma de técnica de observação, metamorfoseado em outros aparatos e dirigido a outro plano de realidade: a cerebral. Ao mesmo tempo, se houver espaço para as máquinas como os computadores, deverá ser, sem dúvida, a posteriori no processo: decifradas as propriedades do cérebro que são responsáveis por formar a mente, aí sim elas poderão ser replicadas em máquinas, não constituindo mais um modelo, e sim réplicas artificiais, mas com o mesmo "código genético". Dentre inúmeras outras frentes, algumas abrindo seus espaços no momento, como, por exemplo, a manipulação genética, outras, consolidadas, como a protética, a replicação artificial seria a apoteose na aceleração rumo ao chamado pós-humano⁵. As consequências disso surgem nas entrelinhas de Del Nero (2006, s/p), escrevendo aos meios de comunicação no final dos anos 90, são endereçadas claramente à sociologia e às ciências sociais em geral:

O problema deste final de milênio não reside na replicação e execução de funções mentais por computadores, fato

³ Del Nero (1997, p. 182) cita a supremacia que a matemática e a física já têm hoje sobre a lógica no campo das ciências da mente, mas não trata da semiótica, apesar do papel que atribui à imagem no modelo de pesquisa que defende.

⁴ Dupuy (1996, p. 144-145) contrasta as posições dos cibernéticos pioneiros Norbert Wiener e Warren McCulloch sobre o uso das metáforas.

⁵ A literatura sobre o pós-humano é vastíssima. Hermínio Martins, por exemplo, mergulha o leitor nesse debate e possibilita o conhecimento de novas fontes de consulta.

que cedo ou tarde ocorrerá. Reside, outrossim, no modelo de ser humano e sociedade com que recepcionaremos essa nova classe artificial de convivas do circo social.

Três caminhos às ciências sociais

Voltando a Del Nero, em síntese, o que se coloca no panorama de busca de uma teoria geral da mente que, entre outras coisas, viabilize essa classe artificial? Seguramente a resposta é, entre outros esforços, promover uma redução ou, ao menos, uma grande transformação nas formas de mediação utilizadas até o momento para conhecer o cérebro e desvendar a mente. Del Nero (1997, p. 183) acredita que não é possível prescindir totalmente da linguagem e dos modelos simbólicos, mas está seguro de que eles não bastam. Seria preciso afastar definitivamente a mente do terreno exclusivo dos estudos das ciências humanas, limitação que, segundo ele, ocorreu por séculos (Del Nero, 1997, p. 421), e aceitar uma base neural para a vontade, ensaiada como modelo pelo psiquiatra e defendida como forma possível de pensar os fenômenos humanos a partir da biologia, mas sem reducionismos. Nota-se aqui como, pouco a pouco, Del Nero vai se aproximando de teorias deterministas bastante questionáveis.

Como afirmado na introdução deste artigo, Searle extrai as consequências de sua tese central para as ciências sociais. Postulando que domínio semântico, posse de conteúdos mentais, atribuição de significados, expressão de intencionalidade e consciência seriam todos atributos exclusivamente humanos, o filósofo pode retomar uma discussão antiga sobre qual seria a figura mais adequada às ciências sociais. Para ele, o que as caracteriza é o "caráter intrinsecamente mental dos fenômenos sociais e psicológicos" (Searle, 1984, p. 103), ou seja, as ações humanas estariam fortemente instanciadas pela mente, e isso reservaria às ciências sociais a própria intencionalidade dessas ações como um objeto de análise. Searle defende ainda que a correlação sistemática de fenômenos físicos (ou neurofisiológicos) e mentais constitui tentativa completamente vã, excluindo essa via de acesso à intencionalidade. Mas não é isso, por outro lado, justamente o que Del Nero espera obter, como apresentado acima?

Searle e Del Nero partem da intencionalidade humana, o que faz com que possa recair sobre ambos o mesmo tipo de objeção filosófica formulada por Dupuy contra Andler. Apesar de

partilharem essa mesma premissa, o filósofo e o psiquiatra condicionam seu entendimento a campos diferentes do saber. Por isso, chegam a avaliações tão diversas, refletidas nas suas visões opostas sobre o futuro das ciências cognitivas. O primeiro desafia uma sentença de morte, enquanto o segundo deposita todas as fichas que tem em suas perspectivas. Irão as ciências cognitivas fracassar ou triunfar?

Para Dupuy, que argumenta de modo a evitar as posições taxativas sobre o futuro das ciências cognitivas, o que as pesquisas nesse campo precisam é não fazer "tábula rasa de tudo o que se passou até elas" (Dupuy, 1996, p. 220), ou seja, conhecer e incorporar a experiência de seu antepassado cibernético. Quem sabe assim elas poderão se conscientizar, na visão de Dupuy, de que seu parentesco com a desconstrução da metafísica da subjetividade é muito maior do que jamais puderam supor. Isso integraria, ao rol das apostas, posições cuja premissa seria uma nova visão sobre a própria intencionalidade pensada como atributo de um sujeito consciente, tal qual anunciada pelas ciências sociais e filosofia pós-estruturalista. Chegado esse momento, é provável que as ciências cognitivas se questionem sobre se deverão de fato depositar seu futuro nas mãos de algo cuja morte seus próprios agenciamentos trataram de enunciar.

Referências

- BERGSON, H. 1990. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, Martins Fontes, 204 p.
- DEL NERO, H. S. 1997. *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo, Collegium Cognitio, 510 p.
- DEL NERO, H.S. 2006. *A humanidade em xeque*. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/cgibin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1997&tbannersarqfolha>. Acesso em: 05/10/2006.
- DESCARTES, R. 2004. *Discurso do método*. Porto Alegre, L&PM Editores, 123 p.
- DUPUY, J.-P. 1996. *Nas origens das ciências cognitivas*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 228 p.
- EPSTEIN, J. 1946. *L'intelligence d'une machine*. Paris, Editions Jacques Melot, 195 p.
- LA METTRIE, J. O. 1982. *O homem-máquina*. Lisboa, Estampa, 200 p.
- SEARLE, J. R. 1984. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa, Edições 70, 125 p.

Submetido em: 19/10/2009

Aceito em: 03/10/2010